

A FAZENDA ou o poder do futuro

Arthur Resende

Despertar.

ACORDAR COSTUMA SER UM INFERNO. Muita dor nos ombros, algum formigamento no braço direito, a cabeça e as pálpebras pesando uma tonelada. É como se a gravidade no espaço da cama fosse a de Júpiter, como houvesse no leito uma massa inaparente e ainda não devidamente descoberta, uma matéria escura que adensasse o peso do corpo e o imobilizasse junto ao colchão. Não tenho muito tempo para física teórica agora; tento ignorar a insalubridade do meu sono (patente quando acordo) e vou à cozinha me arrumar uma xícara de café preto sem açúcar para envenenar o estômago e conseguir escrever alguma coisa já de manhã. Tenho uns rabiscos na mesa da madrugada passada — do tipo de ideia genial que você consegue ter no meio da noite e, quando senta para escrever, já se foi. Na verdade, para além desse papo imbecil de inspiração, o que existe é resistência ao esforço de escrever. Tudo conspira contra escrever. Não é uma atividade natural, não pertence aos desempenhos orgânicos de uma vida humana, invade intrusa e desrespeitosa a maquinaria do nosso corpo, sem nenhum papel no cômputo geral da subsistência biológica. A escrita é alienígena. Ou divina, como dizem. E tudo na vida força contra ela. Você toma assento diante do computador e o mundo, antes opaco e inaparente, começa a gritar por você: uma música para inspirar, uma almofada na cadeira, mais uma xícara de café, opa, a comida do gato acabou, e lá vai a escrita ser engolida num turbilhão de coisas mais interessantes ou importantes do que o ato de escrever. Todo mundo sabe disso, é batido. Mas ainda há quem se espante. Eu, por exemplo. Eu me espanto de haver dormido às 3 e 15 da manhã sem ter escrito dez por cento das maravilhosas ideias que me ocorreram. Mas as fotos da minha ex na redessocial me pareceram mais interessantes. Ela tem estado bem, parece. Na verdade, não há nada de interessante em ficar vidrado nas fotos de alguém que já não faz parte da minha vida, mas algo em mim precisa morrer um pouco a cada noite. Mais que o narcisismo sempre propagandeado, a redessocial estimula certo masoquismo. Criamos felicidade falsa para sofrermos de verdade.

Tenho descoberto que se ganha muito dinheiro com isso. Também se fala muito de uma certa “indústria da felicidade”, que abarca os jornais, os programas de TV, os ansiolíticos e a internet. É com tudo isso que produzimos uma multidão de desgraçados, completamente fodidos da cabeça e incapazes de viver — mas produtores, absolutamente produtores...

Eu poderia escrever sobre isso no *blog* pela manhã. Na certa ia render uma publicidade; esse tipo de crítica ao sistema, com algum verniz de sociologia e muito pedantismo, tem muita saída. Acho que aquela garota que foi minha caloura na faculdade pode me dar uma moral também, tem curtido muita coisa minha por esses dias... se der *like* eu puxo um assunto qualquer, talvez esse mesmo da “sociedade da infelicidade” ou qualquer papo desse nível. Parecer inteligente nunca é desvantagem — diferente de sê-lo. Não sei se vou ter tempo para isso também, preciso chegar na firma até sete e meia, no máximo. Meu turno hoje será mais longo. Não me sobra tempo de alimentar o blog e nem tenho conseguido muita atenção para ele, na verdade, mesmo postando na rede e convidando alguns amigos para curtir. Não sei que escrúpulo imbecil faz com que eu não contrate o serviço para o qual trabalho para bombar com as coisas que escrevo, chegar, talvez, até o livro — fetiche do burguês ilustrado. Talvez seja só orgulho. Sentir-se gênio não é exceção. Descanso na paz da mediocridade geral.

Calço o sapatênis com a pressa de sempre depois do último gole de café. Meu estômago urra. Foda-se o blog, não tenho tempo para impactar o mundo agora com a última mentira que acabei de conceber e que posso enfeitar com inteligência de mestre. Visto a camisa, ponho a bolsa a tiracolo e cato celular e chave sobre a mesa. Fones nos ouvidos sempre, música no máximo — não quero ouvir o mundo. O mundo é meu pretexto literário. É bom quando o criamos. O que nele é à revelia, é lixo. Cinco minutos até o ponto sem ver os rostos que me passam, motorista e cobrador do ônibus são como catracas vivas, ou menos. Não costumo reparar em nada, estou sempre muito em mim mesmo e nas coisas que quero escrever. Milagrosamente algo me chama a atenção hoje: um ponto antes do meu, um prédio imponente de uma companhia multinacional estampa o slogan: *We can everything!*; há um rosto branco e absurdamente sorridente junto à frase. Ao lado da ampla porta de vidro reforçado, pela qual entram e saem engravatados em fluxo incessante, algumas pessoas dormem sobre papelões velhos; há uma criança com eles, de cabelos desgrenhados e muito catarro sob a boca; um velho pede esmolas expondo da perna uma ferida purulenta...

Achei bonita a ironia.

O nono andar.

Um prédio comercial comum, modesto perto dos seus vizinhos, dez andares apenas. No nono andar funciona o escritório da *Own light: marketing pessoal e corporativo* — assim lê-se nas plaquinhas metálicas já sem lustro que preenchem o quadro dos andares sobre as portas dos elevadores. Reparo ao chegar que quase não há mais placas, muita empresa faliu aqui, apesar do preço módico do aluguel das salas. Restam um consultório de dentista, um salão de beleza, dois

escritórios de advocacia, uma igreja no primeiro andar e nós. Nós nunca fecharemos. O que fazemos movimenta a humanidade há milênios, embora pensem que seja coisa nova, modismo da época, aberração tecnológica. A tecnologia, no entanto, é uma roupa nova para cobrir e adornar as chagas mais velhas e apodrecidas que temos. Soa clichê, não é? Pensei nessa frase para o blog também, tencionei descartá-la pelo seu amplo e desgastado jargão na ilusão de poder, depois, dobrar a linguagem ao modo de um material difícil, como liga de cunho duro e sôfrego que exige longo esforço e braço firme para ganhar a forma precisa, o fio pungente, e enfim conseguir forjar no áspero das palavras uma expressão própria, contundente, dessas que se nos manifestam não como palavras, mas como coisa viva. Frouxa e lassa, a minha inteligência recua ante o empenho necessário; o brilho falso do jargão me cai melhor.

Subo pelos velhos elevadores sem música, apenas os ganidos metálicos e incessantes das roldanas. Sala 904, nos fundos e com poucas janelas. Não há nenhuma identificação na porta. Acho a chave no molho e abro-a como todas as manhãs. Lá estão eles, imóveis e discretos centros de controle da fé pública, da opinião política, do afeto e do desprezo dos outros. São, ao todo, doze painéis em torno da sala, com uma mesa grande no centro rodeada de algumas cadeiras, onde deixamos nossos pertences junto a um cesto com algumas frutas, pães, e uma garrafa de café ao lado. Há também um suporte plástico para filtro d'água com um galão de água mineral a uma das paredes, entre uma prateleira e a mesa da Mãe, com um saco de copinhos plásticos ao lado. Em um pequeno cômodo anexo, um banheiro minúsculo e uma pia como lembrança de uma cozinha prometida para o lugar. A mesa da Mãe é o cérebro da coisa: um computador central que gerencia tudo, ao qual estão todos conectados para a rápida captura e envio de informações, vídeos, imagens — memes principalmente —, o que for preciso para o momento, com o fornecimento de energia à base: um emaranhado de cabos, extensões e três nobreaks ligados ininterruptamente. Não me canso de admirar a singeleza do chefe, ao nomear esse complexo maquinal de *Mãe*: é aquela que alimenta, que sustém todo o movimento incessante que esse lugar produz lá fora — ainda que aqui nada pareça vivo, nem mesmo nós que trabalhamos.

Não sei ao certo quantos temos aqui, mas são muitos e estão sempre funcionando. Se um deles quebra, a troca é simples e rápida. Considerando que cada estante tem seis prateleiras, e que cada prateleira acomoda cerca de dez deles, temos sessenta por estante, setecentos e vinte ao todo. Isso ainda é muito pouco, já ouvi dizer de empresas com quase dez mil lá na China, mas o patrão diz que empreendimento novo a gente tem que ir com calma. Os setecentos e vinte smartphones distribuídos ao redor da sala, ligados e operados em ritmo frenético, formam um painel de cores vivas e alucinantes. Poderia integrar facilmente uma sala de qualquer museu interativo — e certamente integrará no futuro, quando maneiras ainda mais sutis de guiar o destino dos outros forem inventadas.

São sete e meia, hora de começar o turno, sozinho até às oito e meia, quando chega Camila. Até lá eu tenho algumas demandas para cumprir, mas talvez sobre algum tempo para o blog. A imagem do mendigo segue na minha cabeça. Não queria me sentir um canalha por pensar nele apenas como uma ideia, um significante vazio com o qual erijo uma boa imagem

para mim mesmo, muito humanista. Mas a demanda do mundo é maior do que os meus braços alcançam. Mais próxima está a nomeada — sempre agradável, por que não? Melhor ficar com a literatura.

Um episódio interessante.

Quando a polícia entrou no apartamento 301, prédio nº 1106 da alameda Central, deparou com as nódoas de sangue ainda quente que empapavam o lençol, o corpo de homem nu vergastado de rasgões profundos no peito e no rosto que deixavam entrever uma costela e a perfuração pulmonar, uma parte do osso esterno, a mandíbula, a lateral do crânio, o olho direito vazado. E ela resignada. Sentada à mesa do quarto, fumando, com olhos inchados de tanto chorar e sem rastro de alma. Teria sido tudo que os jornais apuraram até às oito: “Maria da Graça Albuquerque Casanova, 32 anos, casada há sete anos com Ricardo dos Santos Casanova, a vítima. Arquiteta. Tida por mulher fria e frustrada, suspeitara de um adultério do marido há dois meses. Crime passional com premeditação e requintes de crueldade”. O texto do blog dava mais detalhes, procurava dar um tom novelesco à notícia: Maria da Graça fez o jantar naquela noite como na lua de mel, pediu ao marido que trouxesse o vinho, acendeu as velas, preparou a cama. Depois da comida e do vinho, conduziu Ricardo ao quarto com carícias indecentes e uns beijos que há tempos não se davam. A pressa com que despia o marido o pegou desprevenido e diminuto de frio, mas nada que os afagos de sua boca não resolvessem. À primeira reação de virilidade do marido, montou-lhe ofegante. Cavalgava sofregamente, sem muita desenvoltura mas com um entusiasmo de adolescente, a ponto de levar o marido ao ápice com uma agilidade além da exigida por uma boa transa, e foi justamente no momento em que, entre sussurros e gemidos, ele lhe anunciou o orgasmo iminente, que ela puxou com a mão direita uma grande faca de corte previamente afiada com aplicação e paciência e escondida sob os lençóis e partiu para cima dele aos berros “então goza, desgraçado! morre tendo de mim o prazer que você nunca me deu, seu puto!” e foram vinte estocadas vigorosas, marcadas pelo pulso de cada palavra que dizia enquanto marido urrava de dor até a morte. Depois de morto e ainda quente, ela caiu sobre o seu corpo, chorava aos borbotões e deu-lhe um beijo de despedida.

Não era texto de fazer inveja a Nelson Rodrigues, *A vida como ela é* segue sendo coisa quase imbatível nesse quesito. Também não me recordo do número desse prédio na alameda Central, que se não me engano não tem condomínio nos números pares, além de ser inverossímil que alguém reproduza assim tão bem, nos detalhes, a Sharon Stone de *Instinto Selvagem*. Mas vindo de um blog intitulado *desmistificando o feminismo* isso não me surpreende. O texto da suposta notícia, “apurada esta manhã pelas autoridades”, termina com um pequeno manifesto em defesa dos homens contra a violência das mulheres, contra o suposto vitimismo das feministas e lembrando que os homens não são protegidos, como elas, por uma lei especial contra a violência do sexo oposto. Na postagem da página que o blog mantém na redessocial, uma enxurrada de *likes* e comentários histriônicos. Inclusive o meu. Quer dizer, não exatamente. Estou administrando o

perfil de um pai de família de 46 anos, Francisco José Mascarenhas, cristão e defensor dos bons costumes. O perfil desse é bem crível, temos um bom arsenal de fotos em família de um cidadão que aparenta essa idade, surrupiadas de uma redessocial turca (quase impossível de rastrear), e um bom número de amigos – a maioria, perfis falsos também. Com ele eu tenho que repercutir especificamente três itens: primeiro, tudo que for relativo à Igreja Católica positivamente (sr. Francisco é católico fervoroso): memes, vídeos de homilias, orações, frases de autoajuda atribuídas a padres pops. Segundo, defesa do armamentismo e crítica aos direitos humanos. Terceiro, crítica de minorias: mulheres, mais especialmente. Temos cerca de 200 perfis com essa função, mas esse tem ficado mais popular ultimamente – a figura do pai de família trabalhador, bem-sucedido e indignado com a sociedade é a que mais agrega em torno de si as visualizações, curtidas e comentários positivos. Aqui fazemos valer, como estratégia, o respeito que o nosso povo diz nutrir pelos “mais velhos” – que, todos sabemos, é apenas o mais tosco argumento de autoridade disfarçado cinicamente de humanismo. E como as pessoas creem na autoridade! Ainda que respaldada em nada, ou apenas no fato de se ser um homem branco de classe média alta com empáfias de senhor de engenho.

Acaba de me responder aqui, nos comentários, uma menina – vinte anos, se muito: “mais um ‘cidadão de bem’ vomitando seu chorume aqui. vai ver as estatísticas de feminicídio só esse ano antes de falar tanta merda. #machistasnãopassarão” – completada com um emoticon de uma carinha vomitando. Com essa agressividade ela não tem a menor chance, mesmo que nesse caso toda indignação do mundo seja justa e, na verdade, ainda muito pouco perto do que alguém como o sr. Francisco mereceria – se ele simplesmente existisse (quero dizer, sabemos que ele existe sim, que ele anda na rua ao seu lado, te cumprimenta no trabalho, torce pelo seu time, ajuda um idoso atravessar a rua, toma um trago no bar com você e puxa aquele samba bom; que ele às vezes criou você desde pequeno, trocou suas fraldas e te alimentou com paciência, te deu seu primeiro computador e te levou pra escola, te ama e manda recado pra saber se chegou bem da rua; às vezes dorme com você todas as noites; sr. Francisco são muitos sem ser ninguém e isso é parte da magia e do horror daquilo que faço: damos rostos e falas ao discurso da ordem social que paira errático sobre as nossas cabeças – e que a uns, acerta como a lâmina do algôz. Encarnamos as ideias nos personagens mais críveis que nem o cinema conseguiu criar. Somos os escritores perfeitos). Tenho certa pena da menina porque concordo com ela. Está coberta de razão, por debaixo das hashtags e das palavras de ordem. Mas aqui não se trata de ter razão. Pode parecer exagero, mas estamos no terreno da ficção. A redessocial é a absolutização da literatura, porque obriga cada um que nela queira se arriscar a contar uma história convincente. Não lidamos nem com o verdadeiro nem com o falso, mas com o verossímil. Os fatos e os dados científicos aqui contam tanto quanto num romance de ficção científica: o escritor terá sucesso quando souber usar os dados, manipular as informações de modo a produzir uma narrativa verossímil e cativante com eles, mesmo que narrando o insólito, o absurdo, o simplesmente falso. Se apenas lançar os dados e discorrer sobre eles, não terá um romance, mas se muito um artigo científico. Quem não compreende como a ficção modela e ajusta nosso modo de ver o mundo, como uma tela invisível ante os nossos olhos; quem permanecer sábio e cientificamente

preso à frieza das estatísticas e dos fatos – esse será carne morta na arena que está por vir: a aldeia global, agora o estamos vendo, possui a forma de um grande ringue.

Olhe que eu tinha apenas comentado que “se o feminismo for instalado, cenas como essa serão rotina. Se fosse o contrário, estariam todas aqui istericas (*sic* – um erro de ortografia bem instalado dá credibilidade) gritando, mas quando é um homem que morre nas mãos de uma loka ninguém fala. todos sofrem com violência, homens e mulheres, o resto é mimimi”. Uma pobreza dessas, e já quase quinhentas reações! Nunca criei um personagem tão exitoso...

Um dia seremos reconhecidos por isso!

Camila.

Pontualmente às oito e meia a porta se abriu e ela entrou calmamente, me dando um bom dia cordial mas sem muita intimidade. Cabelos crespos presos, os grandes óculos sobressalentes guardando um olhar aguçado, já imediatamente lançado à Mãe. “Bom dia, Camila”, respondo quase maquinalmente. E o diálogo começa morno como toda manhã: “Tudo bem?” – “Ah, como sempre. E você?” Tento entabular alguma conversa sobre minhas crises criativas, apesar das ideias incríveis que me passam pela cabeça, mas nada disso finca raiz nos ouvidos dela. “Como estamos nessa primeira hora e meia?”, ela desvia-se rapidamente para o que lhe interessa. “Pouca movimentação – explico. O que mais agitou a rede é uma *fake news* de crime passionnal contra um engenheiro. Nossos conservadores tiveram um desjejum farto”. “Para eles qualquer coisa é um prato cheio. Um peido e eles viram do avesso apontando o acusador para todo mundo. Quando você espalha o medo, o denunciamento é sempre popular. Vou fazer o escaneamento da Mãe e rodar o software de captura de imagens na rede. Alguns perfis precisam de mais fotos. Pode montar esses aqui para mim? Te mando pelo agora mesmo no cel.”.

Mesmo a bolsa de mestrado em Ciência da computação, que ela cursa há um ano, não era suficiente para o custeio da vida numa cidade como a nossa e eu sabia bem – por isso mesmo desisti de continuar estudando teoria literária na universidade. E sabia também que Camila não gostava do que fazia ali. Mas o emprego pagava razoavelmente bem, e as necessidades da pequena Sofia vinham sempre em primeiro lugar. Se não era com orgulho que gerenciava tudo aquilo, ao menos o motivo era de uma nobreza incontestável. Só os canalhas julgam as mães. Infelizmente, há muitos deles hoje. Alguns, somos nós mesmos que criamos, à revelia de querer um mundo melhor. Nossos idealismos são cegos para o que fazem nossas mãos. Melhor dizendo: o estômago não tem idealismos, mas é a pragmática imediata e incontornável da natureza em carne viva. Acordei filósofo hoje. Queria mais tempo para alimentar o blog. Deixa eu anotar ao menos no celular algumas dessas frases mais fortes. Não me importa que perca a ideia por trás dela – se é que há alguma. Tenho descoberto o poder inigualável das frases de efeito. Elas são substitutas mais acessíveis à dificuldade do pensamento, e têm a vantagem de transmitir à pessoa a segurança e tranquilidade da aparente posse de um conhecimento importante – diferentemente das dúvidas que atormentam quem se entrega ao pensamento.

“Já chegaram aí? Baixa e passa por *bluetooth* para algum daqueles da primeira prateleira”. “Já sim”, respondo. Camila olhava fixamente para a tela e os olhos vidrados por trás dos óculos de grau não se mexiam. Franzia a testa e um brilho intenso e multicolor reluzia na sua pele, de um negro retinto. Eram gráficos. Acho que ela estava rodando algum software de monitoramento de rede. Podemos observar com atenção a movimentação de vários perfis de usuários, suas preferências e compartilhamentos, comentários e conversas públicas. Só não temos acesso às conversas inbox porque não conseguimos hackear o sistema da redessocial – por mais genial que fosse a Camila, ela sabia que a criptografia desses dados vale tanto dinheiro que não seria moleza conseguir acesso a eles. E nesse momento não era coisa que nos interessava. Agora mesmo eu tenho uma publicidade para fazer que já nos rendeu uma boa grana. Um empresário aqui da cidade deve se lançar candidato a vereador nas eleições do próximo semestre e nos encomendou que déssemos um upgrade na página pessoal dele – que no momento só conta com vídeos de coaching de superação e empreendedorismo e postagens aleatórias anticomunistas. Temos alguns perfis que vamos direcionar para curtir a página – sobretudo de “pessoas” jovens, entre 16 e 35 anos, de classe média pra baixo e que apreciam valores meritocráticos, sucesso financeiro e ostentação consumista. Do meu smartphone já passo, por *bluetooth*, ao primeiro da ponta direita da prateleira mais alta da primeira estante um pacote compactado de imagens que o software da Camila recolheu de redessociais estrangeiras para terminar de compor os perfis para esse cliente. Até o fim de semana, dois mil novos perfis vão curtir a página do nosso carismático empresário, e o algoritmo da redessocial vai lançá-lo freneticamente na rede como sugestão de *like* para perfis semelhantes a esses que ele está “atraindo”. Temos também aqueles perfis exclusivos para compartilhar o conteúdo que ele publica na própria página. As postagens com toda a papagaiada anticomunista foi sugestão do patrão, e tem dado resultado. O governo de esquerda é a vidraça da vez e essa história de “perigo comunista” é uma mentira sempre reciclada para formar ou derrubar governos. Chega a ser incrível como uma mentira pode ter vida tão longa. Quando um medo é bem inculcado a ponto de se tornar um trauma, a sua mentira fundadora escapa das mãos do esclarecimento. Geralmente as sociedades expiam na violência os traumas que não são capazes de curar e as mentiras que não encontram sua verdade correspondente. Nossa terra segue bebendo muito sangue...

Descompacto o pacote de imagens no smartphone da prateleira e começo o meu paciente trabalho de ir compondo os perfis. “Acha certo o que fazemos aqui?” – Camila atalhou. Perdido em meus personagens, quase não escutei e respondi com um “o quê?” preguiçoso e um tanto falso, porque na verdade tinha entendido sim o que ela perguntara, mas não dera muita atenção. Ela repetiu “Você acha certo o que a gente faz aqui? Quer dizer, olha essa bizarrice da invenção de um assassinato que nem ocorreu... E pra difamar mulheres! Não tem hora que isso te assusta?” – e cravou os olhos em mim com a sobrancelha esquerda levantada, esperando uma resposta. Subitamente ela tinha prestado atenção na notícia falsa da manhã e provavelmente se deu conta do tamanho da cretinice que envolvia a coisa. De início eu quis sair com uma resposta vaga, para tentar matar a possível discussão ali mesmo, na raiz, e disse que nunca havia parado para pensar naquilo. Mas ela insistiu e disse “Não é possível, cara. Olha as coisas que saem daqui”

e parecia disposta a arrancar de mim alguma confissão de culpa ou ao menos algum vago sinal de remorso. Não estava disposto a ceder assim de barato qualquer arrependimento e tentei me sair com a desculpa oficial do ofício: “Olha, Camila, a gente não faz nada de mais aqui. No melhor dos casos, nós inventamos histórias, criamos personagens – só que, diferente dos escritores por exemplo, não fazemos isso por inspiração, mas por um salário. Aliás, isso não difere em nada dos autores de *best-sellers*, *ghost-writers* e afins. Vendem sua capacidade criativa para criar personagens para um mercado que os solicita. Não é culpa deles se algum maluco acredita de verdade no que escrevem – assim como não é culpa nossa se acreditam nas coisas e pessoas que criamos”. “Mas a diferença é que nós escrevemos *para que eles acreditem*. Se não fosse assim, ninguém nos contrataria”, e só com essa frase absurdamente simples e certa a Camila me quebrou em dois e, por mais que eu masculinamente me recusasse a lhe deixar a última palavra, eu sabia que o estrago causado em meu discurso seria definitivo e mesmo antes de lhe responder ela ainda emendou: “Nós não. *Você escreve*”. Se bem que essa última frase ainda me deu alguma sobrevida no debate e eu atalhei que “Isso não quer dizer que você também não faça parte. Aliás isso aqui só fica de pé por sua causa e você nunca pareceu se importar com as coisas que eu crio na rede” e evitei, claro, tocar na sensível questão do bom dinheiro que ela recebe, para não chafurdar de vez como um porco na lama da canalhice. Ela retorquiu um pouco mais branda “Olha, os motivos que nós dois temos para estar aqui não estão em discussão e nem precisam. Mas eu não pretendo ficar aqui a vida toda e acho mesmo que vou usar de tudo que vi e aprendi aqui para evitar que esse tipo de coisa continue se alastrando. Não sei, mas uma hora algo sai dos trilhos. Uma hora alguém sai da frente do computador acreditando que essa tal Maria da Graça existe e mata a primeira ‘Maria’ que encontrar. Uma hora a gente cria um monstro. Não vê esse cara aí que quer ser vereador?”. “Que tem ele?”, respondi. “Ele é um imbecil! Desses com fetiche na iniciativa privada. Se deixar, vende até a mãe por dinheiro. Como podemos construir a campanha de um canalha desses?”. “Ele é um palhaço, Camila. Assim como aquele ex-militar lá. Não vai ser eleito, tenho certeza. As pessoas não seriam tão burras. No máximo ele ganha uma boa propaganda pros negócios dele”. “Então o que estamos fazendo trancados aqui e não numa empresa de marketing de verdade, com janelas, por exemplo, em que se possa ver o que fazemos?”. Até então eu respondia a Camila sem mal olhá-la, mais concentrado nos smartphones. Suspirei aborrecidamente, me virei para ela e disse: “Olha, eu não sei do que você tem tanto medo, mas isso aqui não vai sair de nenhum controle, porque isso aqui *é o controle*. É o controle do futuro, de todas as mentes, de todas as crenças, dos humores e das ações das pessoas. Em todo lugar, em cada sociedade (na Mesopotâmia ou num puteiro) as pessoas criam mecanismos de controle das mentes dos outros, pode ser a epopeia de Gilgamesh ou as fofocas das putas. Nós somos movidos a histórias, não é mesmo? Não é assim desde criança, com as conversas sobre cegonhas e Papai Noel, as historinhas antes de dormir? Então, quando crescemos apenas acreditamos em outras histórias, confiamos nossos olhos e ouvidos a outros tipos de adultos. De certa forma, somos sempre crianças a acreditar em historinhas. Mudam apenas os adultos em que acreditamos, aos quais damos a mão. Nós somos os adultos, Camila. Nós criamos as histórias e eles nos seguem. Se você me perguntasse, é claro que eu preferiria publicar um

livro, ser um escritor bem-sucedido, dar uns autógrafos na bienal. Ainda acho que isso aqui não dá a notoriedade que eu mereço – que nós merecemos. Mas não posso deixar de admitir que nunca criei personagens tão eficazes” (nesse momento a filha da puta deixou escapar um sorriso malicioso no canto da boca) “quer dizer, não que não pudesse criá-los para um romance também... enfim, você me entendeu”. Tomei fôlego e tentei me recompor do constrangimento a que ela me infligiu com um simples sorriso, e depois de retomar alguma compostura e engolir seco, finalizei com um simples “Nada acontece aqui que não tenha acontecido com as pessoas desde sempre. Devemos nos sentirmos felizes por estar pelo lado de dentro e controlarmos o processo”. “Você acha que isso aqui tem mesmo controle?”, ela perguntou. “Acha que isso não pode se virar contra você, por exemplo?”. “Não me consta que haja outros empreendimentos como o nosso na cidade” respondi com um sorriso amarelo de nervoso. “Isso aqui não tem controle, meu rapaz. A princípio, ninguém precisa de muito investimento para criar umas contas falsas, gerar uns *bots* de resposta automática. Quem está na rede, na verdade, não tem como saber com quem (ou com o quê) interage. O processo não tem lado de dentro – é tudo superfície, até para nós. Basta ter uma conta na redessocial. Você tem, não é?”. “Tenho sim”, respondi. “Então nem mesmo Jesus pode te salvar.” E dito isso Camila inclinou-se um pouco mais na cadeira em minha direção, como se o quisesse prender-me com especial atenção ao que iria dizer em seguida, e falou: “Escuta, rapaz, você deve estar se sentindo muito profissional e criativo com o trabalho que faz aqui. Mas não é você quem engana as pessoas lá fora. Tudo isso que passa a circular na rede e é engolido como verdade torna-se propriedade comum de todos. Não pertence a ninguém e pode ser usado contra qualquer um. Você é uma peça do sistema, e substituível como qualquer peça. Na rede não há identidades factíveis, só números – e eu sei bem do que estou falando. E números não têm direitos, não têm garantias, nem histórias de vida ou uma honra a zelar. Tudo que sei é que, no mundo que preparo para minha filha, as histórias nos ensinam melhor a realidade, e não tomam o lugar dela. Os monstros só existem onde abolimos a saudável distância entre o metafórico e o factual – sem diminuir a importância de uma boa metáfora, naturalmente. Se quiser viver no reino dos monstros, boa sorte, garoto. Mas nem toda essa sociologia de botequim vai te salvar do que você vai encontrar por lá”.

Ela se endireitou na poltrona e voltou ao computador. Nunca mais tocamos nesse assunto de novo.

Acerto de contas.

Hoje completam-se cinco anos desde a minha conversa com Camila, da qual nunca me esqueci. Ainda mais agora que todo o seu anúncio premonitório se abateu sobre mim. Não que julgasse impossível tudo o que ela disse, de fato eu sempre tive algum nível de consciência em relação ao tipo de operação que a fazenda de *likes* e seus similares levam cabo. Mas depois que a política entrou no negócio, ficou impossível sobreviver. Aquele empresário reles e porcalhão, que se gabava de seu dinheiro e da própria ignorância, venceu para vereador e assim como ele

muitos outros se elegeram no país inteiro apenas com campanhas feitas com impulsionamento digital de mentiras conduzidas por *bots* e perfis falsos na redessocial. O que presenciamos ali talvez não tivesse precedentes – nem para mim, que acreditava na presença universal e a-histórica da mentira e do logro.

A questão foi o que se sucedeu depois. Quando apareceram as primeiras mortes, eu confesso que me assustei. Surgiram os linchamentos combinados pela redessocial, em que um grupo de pessoas se reunia para combinar o assassinado de um suposto pedófilo ou agressor de idosos – tudo baseado em boatos e vídeos amadores feitos no Azerbaijão e divulgados com a identidade de uma pessoa local. Ninguém sabe até hoje qual o motivo real dessas montagens nem quem está por trás dos boatos. Mas já se foram mais de 70 pessoas ano passado com essa nova modalidade de homicídio coletivo, sempre cometidos por populares armados de enxadas e, pás e até tijolos. Foi a primeira vez que olhei assustado para o poder das coisas que ajudava a criar – mesmo que nunca tivesse posto sangue em minhas mãos. Ano passado elegeram o presidente através do mesmo sistema: todo o governo de um país eleito com base em mentiras e distorções fantásticas da realidade, construídas digitalmente, e que só poderia se manter se permanecesse em campanha, mesmo depois de eleito. Os empresários que bancaram a si próprios e a outros porta-vozes (militares, ex-celebridades de *reality show*, magistrados, policiais e pastores de igreja) contrataram os nossos serviços, num primeiro momento, apenas para alavancar suas biografias e difamar adversários. Aos poucos, perceberam que podiam mais. Com a ajuda importantíssima do noticiário catastrófico, que explorava como sempre um imenso conjunto de mazelas do país, eles erigiram um inimigo interno causador de toda desgraça – cujo centro era o partido do governo, mas que se irradiava como um vírus por todo o tecido social, formando a horda dos “inimigos do povo”: “comunistas” (ou coisa que o valha), pobres, aleijados, mendigos de rua, gays, professores, músicos... e, claro, as mulheres. Qualquer foco de crítica potencial ao *status quo* era, na verdade, um braço ideológico de uma espécie de entidade macabra que visava sempre muitos males, embora difusos: do roubo do erário à destruição da família e da civilização ocidental (da qual os ocidentais europeus curiosamente nunca nos deixaram fazer parte). É verdade também que isso não era novidade – era uma versão virtual dos “Protocolos dos Sábios de Sião” transplantada para cá. Teorias da conspiração sempre existiram – assim como sempre existiu gente idiota que nelas acreditassem. Mas agora havia algo diferente. A internet nos fora vendida como a maior ferramenta de emancipação humana jamais construída, e com o tempo fomos acostumados a crer que nela encontraríamos conhecimento livre, desprendido dos compromissos ideológicos das igrejas, dos partidos, das academias, da imprensa. E é essa a falsa imagem que dela temos até hoje, é a imagem que nós compramos dela, pagando a preço de sangue. A internet é um amplo espaço corporativo dominado pelas maiores instituições financeiras do mundo que mapeiam e controlam cada passo dado, cada palavra proferida, cada clique no mouse. Tudo nela é feito com o único objetivo de se ganhar dinheiro. Foi aí que eu entrei com meu trabalho. E foi aí também que eu me perdi.

Um dia o chefe recebeu gente importante na saleta: era gente da capital, do governo. Isso foi uns meses depois da eleição, antes da posse do presidente. Veio também gente de uma

empresa de marketing graúda, internacional. Não demoraram muito tempo, saíram pra um lugar que considerassem ainda mais reservado. Só deu tempo de ouvir o chefe dizer que “aquele ali é de confiança, não fala nada, mas se vocês preferem ir a outro lugar...”. Depois, um pedido corriqueiro: gerenciar algumas contas *fake* de pessoas que alegariam estar presentes na posse do novo presidente, pra inflar um pouco a popularidade do ato. Vinha correndo pela imprensa a informação de que os jornalistas seriam impedidos de cobrir o evento por razões de segurança, que a praça da capital estaria cercada por um imenso aparato de segurança: Posse do presidente terá o maior aparato de segurança da história. #diadaposse #posseaovivo. – Ameaça de atentado justifica segurança, mas não deve esvaziar a capital para a posse. #vempraposse. – Tudo pronto pra posse do presidente!!! 🤔👉 👉 #tchaucomuna #novaera. Nada de estranho em operações desse tipo, já tinha produzido fraudes semelhantes antes para outros tipos de eventos, principalmente empresariais. Meu celular não para de vibrar um minuto, algo bombando na rede: algum youtuber novo com mais uma teoria da conspiração muitíssimo bem explicada com uma edição estilizada, cortes em off e piadas ruins sendo sugerido furiosamente pelo algoritmo para milhões de pessoas. Minha redessocial grita pela minha atenção na forma de vibrações ritmadas que me massageiam a perna, nada de novo no meu trabalho, ignoro pra ver em casa, é bom pra colher material e trabalho em casa. É lá que vejo o que está bombando: ELEIÇÕES: A FRAUDE – PORQUE O PRESIDENTE ELEITO É UM PROGRAMA DE COMPUTADOR. 9.5 milhões de visualizações. 👉 3MI 👎 706 Mil. Não é das coisas mais convincentes, mas faz sentido: o presidente eleito era um desconhecido empresário do interior do país que emergiu justamente às vésperas da eleição, mas muito bem-sucedido nos negócios depois de ser forçado a deixar (inexplicavelmente) a carreira militar, a qual era seu sonho (servir ao país). Jamais fora visto em público por ninguém que não fosse da sua assessoria particular (meia-dúzia de engratados de óculos escuros que ninguém sabia de onde vinham). Faltou a todos os debates televisionados e compromissos públicos, alegando ser um homem de saúde frágil em virtude dos anos de exército, e fez campanha exclusivamente em vídeos pela internet, impulsionados pela redessocial por financiamentos privados de empresas amigas e colaboradores anônimos. Amplo aparato de mentiras conspiracionistas (que envolviam inclusive a “denúncia” de que o seu principal adversário estava envolvido em uma seita satânica ligada ao tráfico internacional de órgãos), piadas de mal gosto e ampla exploração do que o nosso povo tem de melhor no espírito: aidez por distinção social e revanchismo. Era muito claro: o nosso presidente era um meme. A coisa chegara a um ponto que era impossível saber se aquela imagem de homem branco loiro e altivo, na flor dos seus 40 anos de idade, era de uma pessoa real ou fabricada, ou se a haviam surrupiado de alguma redessocial norueguesa. O meme, que se tornara a existência concreta de uma ficção multifacetada, que por sua vez subtraía a realidade daquele pedaço de imagem que roubava do mundo dos vivos, o meme era mais que uma realidade das mentes: era o governo das nações. yasmin_red 37 minutos atrás: isso estava escancarado desde o início, só esse povo burro que não viu. Agora tá aí, ninguém sabe quem de fato manda nesse país!!! #vergonha #eujásabia. Guilherme_patriota 1hr e 05 min atrás: eu fiz minha campanha de graça sem receber nenhum tostão e ainda tive a honra de conhecer um assessor dele que atestou:

ele existe sim e vem aí pra mudar nosso país!!!11 #choramais. Impossível não replicar isso no blog. Passei com um microtexto contundente sobre a fraude a que estávamos submetidos e, pela primeira vez desde que entrei no ramo, dei detalhes do meu trabalho em um texto no blog. Lembrei do encontro do chefe com os grã-finos na salinha, na conversa ao pé do ouvido, na saída rápida. Aproveitei e marquei muita gente na publicação que eu conhecia em redação de jornal, ou blogueirinhos de mais sucesso do que eu. Sucesso imediato: postagem com mais visualizações e comentários do blog. Subi a #fraudenasurnas e ela tem se mentido no topo, junto com outras, como #presidentememe e #nãocaianafake (puxada pelos *bots* do governo recém-eleito, reconhecível por mim de longe). Pensei que finalmente colheria algum sucesso pessoal com essa de “escritor-crítico” politizado – também sou filho desse chão.

Agora pela manhã, o conteúdo sumiu da rede, e nem sinal do perfil do youtuber na redessocial – desativado por tempo indeterminado. Vivemos em um tempo em que não é possível saber se, ao dismantelar um perfil na redessocial, a pessoa mesma não se desintegrou. Meu post e meu perfil também já eram, e eu nem sei como. Só sei que eles têm meu endereço, meu celular, a minha conta bancária, minhas preferências sexuais e a cor da minha cueca – forneci tudo num desses testes idiotas da redessocial, em que eles colhem informações sobre a gente e nos mapeiam. E sei também que, se forem espertos como penso que são, estarão vindo me buscar...

Arthur Resende

Carlos Arthur Resende Pereira nasceu em Pará de Minas/MG aos 20 de fevereiro de 1990. É doutorando em Filosofia pela UERJ. Já publicou o volume *limiares* (poesia – 2017), além de alguns poemas na Revista 7faces (Ano VIII, 16ª ed., ago-dez. 2017) e um conto na Revista Capivara (nº 3, abril 2019).